

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



ORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.527

Sexta-feira, 16 de Novembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Alameda, 114 e 115

Os operários presos há longo tempo nas masmorras da república, necessitam de auxílio monetário. Os trabalhadores têm o dever de lhes prestar toda a solidariedade

A questão da pesca

Nesta magna questão da pesca, que o governo português tem descurado lamentavelmente, a Batalha encontra-se ao lado dos pescadores portugueses. Por patriotismo? Não. Somos internacionalistas, isto é, pela fraternidade estreita dos povos. O que não somos é pelos interesses dos industriais espanhóis que, enviando à costa portuguesa as suas traineiras, determinam a miséria de milhares de trabalhadores e provocam um sentimento de ódio entre povos que não se justificam, que apenas prejudicam.

Os marítimos portugueses têm direito a protestar contra os intrusos que, empregando a dinamite afugentam o peixe e lhes roubam o pão. Ainda se não empregassem dinamite na pesca o peixe chegasse para todos que importava que os espanhóis pescassem nas costas portuguesas?

Mas não. As traineiras espanholas estão procedendo à destruição da riqueza importantíssima, que dá trabalho a milhares de pessoas e alimenta a indústria das conservas.

O governo espanhol se não quiser desmerecer a atenção dos seus vizinhos deve, quanto antes, chamar à ordem os industriais espanhóis que estão invadindo as águas portuguesas numa atitude bélica insuportável.

Os marítimos prejudicados nutrem presentemente um ódio oco contra os espanhóis. Na sua rude maneira de pensar odeiam todos os espanhóis, quando apenas os industriais de pesca merecem esse ranco. O povo espanhol, o povo trabalhador, que sofre o mouro e o judeu, não merece esse ranco. Em nome dos interesses dos operários portugueses e espanhóis, em nome da amizade que une o proletariado da península, a Batalha reclama dos governos dos dois países a pronta solução do conflito.

Três traineiras espanholas apreendidas

PENICHE, 15.—A situação da classe piscatória não se modificou. Os pescadores continuam a não ir para o mar. Hoje foram apreendidas três traineiras espanholas carregadas de sardinha e um caixote de dinamite. A autoridade não consente a venda do peixe apreendido.

Os ânimos continuam muito exaltados, reclamando pronta solução do problema.—C.

Lêr na 4.ª página: Agenda de "A Batalha."

NA ESPANHA DE RIVERA

Os políticos lembram a Afonso XIII o seu juramento perante a Constituição

O rei entre a espada do Primo e a parede dos políticos

MADRID, 15.—O documento que foi entregue pelo conde de Romanones e Melquiades Alvarez ao Soberano é do teor seguinte:

Senhor: As Cortes dissolveram-se em 17 de Setembro passado e a Constituição no seu artigo 32 diz que as Cortes se devem reunir todos os anos devendo o Rei convocá-las, suspender e encerrar as sessões com a obrigação de convocar e reunir o Corpo ou Corpos dissolvidos dentro de três meses.

Para cumprir isto as Cortes deverão estar reunidas antes do dia 17 de Dezembro próximo.

Este artigo sobrepuja em transcendência todos os artigos da Constituição, sendo a alma dela e a garantia única da vigência e continuidade do regime estabelecido. Acatando este preceito da Constituição, subsiste ela essencialmente, quaisquer que tenham sido as violações e os esquecimentos de que foi vítima. Se não se cumpre este artigo a Constituição desaparece porque nele se assegura eficazmente a aliança das Cortes com o Rei. Deste modo se faz efectiva a soberania da Coroa e a representação do País.

Este é o único artigo na Constituição que referindo-se ao Rei, emprega a palavra obrigação e essa obrigação foi aceite pelo Rei quando jurou perante as Cortes sobre os Evangelhos há 47 que a Constituição vigora.

Discutiu-se se os outros artigos foram menoscabados. Porém o artigo 32 nunca se infringiu. É natural que assim tivesse sucedido visto que essa infracção resultaria a terminação do regime constitucional. Diante desse artigo, sempre se teve presente que a Constituição se chama a si própria lei fundamental da monarquia.

Os prazos que a lei e realidade impõem para as diversas operações electorais que precedem a reunião das Cortes, obrigam a convocá-las com alguma antecipação nos termos e prazos fixados no art. 32.

Deviam-se ter convocado antes do dia 8 do corrente, mas reduzindo os prazos electorais ao mínimo possível protelou-se por alguns dias mais. Passados poucos dias, esse artigo será inevitavelmente ferido se as Cortes não funcionarem em breve, infringindo-se assim o princípio fundamental que basta enunciar para mostrar toda a sua importância. Refere-se ao precepto no título 11 sobre contribuições e gastos públicos.

Senhor: Os que subscrevem este documento, amantes do regime Constitucional por pensar que ele é o melhor, tanto para a vida da liberdade do Estado como para a paz da Espanha e da monarquia, tem o dever aumentado hoje pelas circunstâncias actuais por terem desempenhado nas últimas Cortes dissolvidas a mais alta função Parlamentar, de elevar a vossa magestade a sua voz e expressar respectivamente o sincero sentir de que o bom público notoriamente pede o cumprimento fiel do art. 32 da Constituição, com a fervente esperança de que este sentir coincida com o de vossa magestade e visto que este é o seu dever e que nele se atende unicamente a interesses fundamentais da Pátria e das instituições obedecem aos ditames da sua consciência manifestando-se este documento.

NA ALEMANHA

As grandes fortunas dos capitalistas contrastam a mais negra miséria

LONDRES, 15.—As estatísticas oficiais alemãs mostram que a Alemanha nos cinco anos posteriores à guerra exportou 4.000.000.000 de dólares e talvez este número seja inferior à realidade, porque se fez muito contrabando.

Num relatório confidencial que estava na posse do governo alemão, mostrava-se que o capital alemão no estrangeiro era de 500.000.000.000 de dólares em 1 de Março próximo passado, supondo-se, contudo, que esta avaliação era inferior à realidade. Tudo leva a crer que aquela soma foi duplicada, segundo o exposto num memorandum officioso alemão.

As repartições governamentais de comércio alemão dizem que os exportadores alemães não podiam pôr de lado muitas divisas estrangeiras que recebiam, porque a balança comercial lhes foi sempre desfavorável.

A imensa fortuna de Hugo Stinnes não é incluída nestes cálculos, porque este financeiro alemão tem tantos e tam variados negócios em moedas valorizadas e moedas desvalorizadas que é impossível conseguir-se um apuramento, mas a sua fortuna com certeza não é inferior a várias centenas de milhões de dólares. Depois de Stinnes, os maiores capitalistas alemães são os possuidores de minas, tais como a família Krupp e Thyssen e outros magnates do Ruhr.

O dinheiro dos argentinos alemães está tam resignado através de intermediários e de banqueiros suíços, holandeses e suíços, que será muito difícil os aliados ou governo alemão poderem aproveitar estes capitais.

Os desempregados nas regiões ocupadas

BERLIN, 15.—Reuniu o Gabinete Imperial da Confederação Germânica. Foi discutida a questão de cortar temporariamente a região do Reno do resto da Alemanha devido à declaração do governo de que aí havia 2.000.000 de desempregados contra 700.000 do resto da Alemanha. Daquela forma ficariam os habitantes da região do Ruhr com liberdade para negociar com as potências ocupantes e resolver assim a sua situação.

Kronprinz e a Conferência dos Embaixadores

PARIS, 15.—A conferência dos embaixadores aguarda a resolução do governo inglês de tomar qualquer resolução no caso de regresso do ex-kronprinz à Alemanha e do possível regresso do ex-kaiser.

Prémio Nobel

ESTOCOLMO, 15.—O prémio Nobel de física para 1923 foi concedido ao dr. Robert Andrews Millikan, da Califórnia, pelos seus estudos sobre electricidade. O prémio da Química foi concedido ao professor Denegrel de Graz, na Áustria, e de Literatura ao poeta e dramaturgo irlandês W. B. Keats.

Grande Comissão Central pró-A BATALHA

Para apreciar vário expediente, reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa.

O momento político

O novo ministério—Uma reunião no Centro 10 de Janeiro—O que se afirma—Mistério

: «Ele» foi-se embora...

Ora podem estar descansados os patriotas, já há governo, que ficou definitivamente assim constituído: Presidência e Interior, Círculo Machado; Justiça, Lopes Cardoso; Finanças, Cunha Leal; Guerra, General Carmona; Estrangeiros, Júlio Dantas; Marinha, Júdice Bicker; Colónias, Vicente Ferreira; Instrução, Melo e Simas; Agricultura, Vasconcelos e Sá; Comércio e Interior do Trabalho, Pedro Pita.

Muito bem. Nós gritamos também: —Abaixo as oligarquias económicas! Vamos ver isso.

Na mesma reunião houve um orador que disse que isto só vai à facada. O sr. Círculo Machado, presidente do ministério, também afirmou nessa reunião.

—Vou governar fora dos princípios mentirosos usados até agora. Tenhamos esperança.

Mistério! Mistério! O dr. sr. Magalhães Lima, acompanhado dum grupo de oficiais, apresentou-se ontem na presidência da república. O sr. Teixeira Gomes limitou-se a receber o dr. Magalhães Lima. De que se tratou? Não se sabe.

Para fechar. Partiu ontem no Sud-Express para Paris, o dr. sr. Afonso Costa. Já acompanhado pelos srs. João Ulrich (Banco Ultramarino) e dr. José Oentil.

Sua direcção em França: Sucursal do Banco Ultramarino, Paris.

O sensacional processo Vorowsky

Do depoimento da testemunha depreende-se que o terror vermelho é mau, mas o branco é pior e conclui-se dos dois — é melhor não escolher nenhum...

LAUSANA, 7.—Como ontem anunciamos foi o comunista francês Charles Rappoport quem depois a seguir ao dr. Montandon, relatou o que foi o atentado premeditado pelos terroristas brancos contra sua esposa e contra ele próprio, atentado de que apenas sua filha foi vítima. Este atentado caracterizava-se pela mentalidade contra-revolucionária, feita dum ferocidade sem limites.

A uma pergunta do dr. Tchelenov, Rappoport constata que durante um século os refugiados russos nunca provocaram conflitos em terra estrangeira ou neutra. Em seguida descreve a vida sobria dos comissários do povo, afirmando que eles trabalham excessivamente.

Análise e defende várias medidas sociais levadas à prática pelos soviets, dizendo que os seus adversários honestos lhe reconhecem os benefícios.

As testemunhas de defesa dos assassinos

O sr. Murat depõe depois de Rappoport. Conheceu a família Conradi, principalmente Victor Conradi filho do assassino. Explica como esta família brancas foi perseguida pela Revolução.

Dickers, em nome dos participantes, pede a testemunha para dar detalhes sobre as detenções dos socialistas sob o regime tzarista, sobre a deportação sem julgamento e as execuções em massa dos camponeses.

Neste momento, a senhora, Conradi, prima do assassino, aproxima-se da tribuna. Ela conta a prisão de seu pai, alguns dias depois do atentado cometido contra o comissário do povo Quirizki. Afirma que foi fustigado, como represália. Traça em seguida um quadro muito negro da situação em que se encontravam as classes burguesas, obrigadas a trabalhar para viver.

O que diz um antigo ministro de Koltchak

Na audiência da tarde, foi ouvido o sr. Smith, cidadão americano, engenheiro dos caminhos de ferro na Sibéria, citado pelos participantes.

Smith declara que a arbitrariedade reinava nos territórios ocupados pelos exercitos brancos.

Depois de Smith, o professor Klutchnikoff, da Universidade de Moscova, vem afirmar que o terror vermelho não começou senão depois da revolta dos checos. A testemunha foi ministro no governo de Koltchak, governou democraticamente a princípio. Deixou a Rússia em 1919, mas pelas informações que recebeu, o terror branco era pior do que o terror vermelho.

O professor Klutchnikoff afirma que os exercitos brancos agiram contra o sentimento nacional russo.

Assim Wrangel ajudou a Polónia no momento mais crítico para as tropas soviéticas. Como bom número de patriotas russos, a testemunha crê que o regime bolchevista assegura a justiça.

O professor Klutchnikoff pôde entrar na Rússia, em Moscova, não pôde admitir que pessoas que façam parte do mesmo partido em mortificações.

«No regime branco», diz, não havia senão bandos e ladrões.

Depois duma intervenção do dr. Au-

“TERRAS DE FOGO”

Julião Quintinha escreveu um livro que pela plasticidade do seu estilo e pela ternura com que descreve os sofrimentos dos humildes merece ser lido

Livros, aparecem muitos aí pelas montanhas—livros bons, porém, são bem raros. Quando eles surgem, quando um temperamento de escritor se revela em toda a sua plenitude, devemos recebê-los festivamente.

Julião Quintinha acaba de fazer publicar—além da segunda edição dos Vinhos do Mar, em cujas páginas passa uma ternura sentida—um novo volume de contos, que enfileira sem favor na categoria dos bons livros. Intitula-se Terras de Fogo. Desde o título, que se ajusta admiravelmente ao assunto, até ao último conto, tudo causa prazer neste livro.

Quem nos conhece e sabe que o nosso sentimento de justiça não poupa muitas vezes os amigos mais íntimos, não poderá tomar à conta de favor, ditado por uma sólida amizade, as merecidas palavras de louvor que aqui deixamos. O culto da beleza, o amor à perfeição, à sinceridade e à verdade, são os nossos únicos guias.

E, pois, em nome da verdade que afirmamos, sem receio de contestação, que Terras de Fogo constitui a obra, modernamente escrita, que melhor pinta um colorido estranho onde passam por vezes alucinados clarões, esse vasto Alentejo todo melancólico, misterioso na sua planície imensa, violento na paixão e na revolta dos seus habitantes.

Bastaria o introito, traçado com pulso firme, num estilo harmonioso e plástico, para consagrar Quintinha, para colocá-lo entre os melhores escritores da nossa época, para acreditá-lo como observador sagaz servido por um coração nobre, onde se reflecte o sofrimento dos homens e as tragédias assombrosas da própria Natureza.

Nesse introito, o Alentejo, todo o Alentejo, desde as invasões dos povos nómadas que assolaram a península, deixando ali o rasto de bizarros hábitos, de sentimentos diversos, de artes superiores até aos nossos dias, se encontra maravilhosamente descrito — e mais do que descrito, sentido intensamente.

Os contos são a vida dos nossos dias na provincia transtagnana; são a labareda violenta das paixões dum povo em cujo sangue corre a ardência dum sol escaldante que não tem a suavidade a brisa fresca do mar, nem as neves brancas das altas serranias. São o registro fiel, o desenho exacto de figuras humildes, abandonadas do carinho dos homens, perdidas na planície infinita, como núfragos num mar sem fim. São o retrato verdadeiro da decadência duma fidalguia, que foi grande, forte e poderosa, e hoje se extingue em históricas paixões, requintes doentios, tragédias, que o autor acompanha sempre com uma lágrima de dó.

Essas figuras que Julião Quintinha evoca, possuem um tal vigor, uma tam grande sugestão de humanidade, que nós, leitores, por mais frios que pretendamos conservar-nos, por mais críticos que queiramos ser, não podemos impedir que a comoção se nos instale na alma, que nossos nervos vibrem na mesma emoção forte de que certamente o autor estava possuído quando as traçou.

Nada mais salutar para a educação sentimental do povo, do que a evocação do seu sofrer. E o povo sofrido ocupa quasi totalmente o «Terras de Fogo». No primeiro conto, «Maldito», um pobre diabo que não conheceu

carinhos de mãe, que arrastou a sua existência pela planície alentejana, dormindo ao relento; pela caserna, azoragado pelos superiores; por terras africanas, em bárbaros combates e pela cadeia, expiando o «crime» da sua revolta contra os seus carrascos, faz-nos meditar na crueldade da vida, na podridão social que enlameiam as almas sãs. O tio Venâncio, um simples que envelheceu—sempre cuidadoso, escravo amarrado ao dever, como grilheta — a guardar a linha férrea por onde em anos sucessivos passaram riquezas mil, fortunas imensas, nababos e até mesmo párias como ele, sem que houvesse um terno pensamento que se demorasse na sua alma vigilante, como vós profundamente, faz-nos assomar aos olhos uma lágrima indiscreta. O Saúl, o pobre Saúl, filho de Mambil, nascido de mãe linda e lada e de pai mineiro, esfaqueado em Espanha por contrabandista, é a história triste dum pobre louco, desses loucos inofensivos, que percorrem as ruas contando a sua vida de miséria, divertindo os outros com a sua loucura.

E tudo isto tam integrado na vida alentejana, na paisagem característica da provincia, vale mais do que a melhor corografia, porque Julião Quintinha soube dar-lhe tanta cor, tanto volume e tanta vida que nos ilude, que nos leva a supor em presença da realidade.

Para em tudo ser feliz, Quintinha encontrou em Bernardo Marques um desenhador inteligente que soube interpretar na capa do «Terras de Fogo» o justo sentido do assunto.

Mário DOMINGUES

UMA REUNIÃO FORMIDÁVEL

Os ferroviários do Sul e Sueste

A assembleia do pessoal, anteontem reunida no Barreiro, toma deliberações contra a Organização dos Caminhos de Ferro do Estado e aplaude ruidosamente a demissão de Plínio Silva como útil, necessária e indispensável para o país

A BATALHA foi alvo duma vibrante ovação

ao horário de trabalho e demonstra a injustiça do que se contém na Organização, apresentando alguns exemplos.

Apresentando a representação do pessoal no Conselho, considera-se irritada e nula. A restante representação, pela forma como ficou, — diz o orador — é uma ridícula contradição que ninguém pôde tomar a sério. Analisando outros pontos da Organização ataca o que ali se contém sobre o pessoal dos escritórios a quem dera um simples título de oficiais. A classe dos escreventes em que situação fica? — pergunta o orador.

Esses camaradas merecem também a nossa solidariedade. Se a Organização que ali está — afirma com energia — não for derrubada pelo pessoal, por inconveniente e prejudicial aos interesses do país e dos ferroviários, o pessoal terá de suportar um regime de violência a que inevitavelmente tem de corresponder a resistência da classe em todos os campos e por todos os meios até à hora em que os governantes reconsiderem.

Miguel Correia expõe também alguns pontos da Organização agora publicada e afirma que nem honestidade houve na indicação dos motivos apresentados para justificar a publicação referida. Sobre o assunto falaram ainda outros camaradas sendo em seguida aprovada por unanimidade a seguinte moção:

«Considerando que a segunda publicação da Organização dos Caminhos de

Ferro do Estado, agora feita no «Diário do Governo» n.º 239 de 10 do corrente, não contém as alterações que pelo pessoal foram apresentadas, nem tampouco aquelas que pelo sr. Rosa Mateus foram declaradas aceites pelo Conselho e que constituem as suas reclamações entregues ao Governo em 27 de Julho p. p.;

«Considerando que tal publicação se fez sob uma rubrica menos verdadeira do que se diz — «Por ter sido publicado com inexactidões» no «Diário do Governo» n.º 129 de 18 de Julho último,.... quando não foi esse o motivo sério que justificou essa publicação, por isso que as inexactidões que saíram na primeira publicação não eram suficientes para que aquela fosse repetida, acrescentando ainda a circunstância de esta publicação não conter as alterações pedidas e que representa um acto pouco digno e demonstrativo da ausência de moral por parte dos seus autores ou inspiradores;

«Os ferroviários do Sul e Sul e Sueste reunidos em assembleia magna resolvem: «Considerar de pé as reclamações apresentadas em 27 de Julho p. p. sobre a organização e denunciarem ao público que a atitude dos dirigentes dos Caminhos de Ferro neste caso levou a pé, a carta publicada pelo sr. Plínio Silva, não em relevo a falta de tática que com tal documento aquecer, mais uma vez revelou e depois de apreciar a sua conduta como director dos Caminhos

Uma resposta do advogado dos participantes

O dr. Dicker apresenta conclusões relativas ao depoimento de Croizier, o qual «aprova absolutamente o acto de Conradi e Polonine» e se declara pronto a fornecer dinheiro a qualquer pessoa que quizesse imitar Conradi. Em virtude do artigo 52 da lei de 4 de Fevereiro de 1953 sobre incitamento ao crime, o advogado dos participantes pede ao tribunal para dar o seu depoimento o devido destino.

Capit. o procurador geral, reconhece que Croizier pronunciou «palavras imprudentes», mas não pode considerar-se apologia do crime o que aparece nos jornais. Não se opõe entretanto que as conclusões do dr. Dicker sejam transmitidas ao procurador geral da Confederação Suíça.

O dr. Tchelenov regista que um russo monárquico tratou a testemunha general Dobrovsky por «canalha». Foi ordenado um inquérito sobre o incidente.

Depois de ser ouvida a mãe do acusado suspendeu-se a audiência que prossegue hoje.

F. A.

São Carlos
Tel. 5063
HOJE:
A peça mais alegre da actualidade
A VINHA DO SENHOR
Admirável criação de
Lucília Simões e Eriço Braga
O mais notável dos conjuntos
Preços dos bilhetes: a qualquer
hora: Fraldas e camareiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª
de 2.ª, 2.500 e de 3.ª 1.750; Torneiros,
1.200; Fautais, 750 e Virandais, 250.
Os bilhetes encerrados devem ser reclama-
dos até às 7 da tarde.
O teatro mais bonito de Lisboa
Ca bilhetes marcados para a noite
de homenagem a **ANGELA PINTO**
devem ser reclamados até hoje às 18 h.

PELOS PRESOS

Um alvitre aceitável

Já lá vão mais de quatro meses que na Torre de São Julião da Barra se encontram detidos dezenas de operários, sem culpa formada, em obediência às determinações do sr. António Maria da Silva, até há pouco presidente do ministério.

A situação desses presos é bem dolorosa, pois o facto de estarem impossibilitados de exercer a sua actividade inibe-os de ganhar para o seu sustento e de suas famílias. Mas não só esses como os outros que há longos meses estão sepultados em Monsanto, Limoeiro e Governo Civil, são dignos da solidariedade material de todos os trabalhadores. E como essa solidariedade não se tem manifestado como devia, urge que algo se faça, de maneira a minorar um pouco a sua desesperada situação.

E' um dever de todos, contribuir para os que sofrem as iniquidades duma sociedade que nega a liberdade aos que tem ideias de renovação e de progresso, deixando a sôta uma infinidade de criminosos que se locupletam com o produto do trabalho alheio, procurando por todas as formas explorar e esmagar os que honestamente vivem do seu labor cotidiano.

Sobre este assunto, recebemos dum camarada o alvitre que abaixo transcrevemos e que julgamos aceitável:

Camarada redactor de A Batalha:— Como tem sido infrutíferos todos os meios empregados para se conseguir que os presos por questões sociais sejam postos em liberdade e atendendo a que a solidariedade moral pouco ou nada concorre para atenuar as inúmeras privações por que vivem passando as dezenas de camaradas que se encontram encerrados nas masmorras da república, alvitro para que seja aberta uma subscrição entre todo o operariado português, devendo cada trabalhador concorrer com o mínimo de \$50.

Para tal fim devem os respectivos sindicatos encarregar-se da confecção e distribuição das listas, pois desta forma mais rapidamente se efectuará a recolha e distribuição do dinheiro. Esperando que o camarada redactor tome em consideração este alvitre, subscorvo-me com toda a estima.—**M. S. Costa**, gráfico sindicalista.

de Ferro do Sul e Sueste apresenta a seguinte moção:

«Considerando que o jornal «O Diário de Notícias» do dia 12 do corrente deu a publicidade uma carta assinada pelo engenheiro sr. Plínio Silva, na qual, como director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aquele sr. se declarou demissionário do referido lugar, desde o dia 9 do corrente mês, precedendo essa declaração de afirmações de discordância com a resolução tomada pelo Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado sobre a nova publicação da organização dos mesmos Caminhos de Ferro, recentemente feita no «Diário do Governo» n.º 239 (1.ª série) de 10 do corrente;

Considerando que as causas agora apresentadas como justificação da sua demissão, são incoerentes e denotam uma evidente disparidade com as declarações e atitudes pelo mesmo sr. mantidas, anteriormente à publicação agora feita, da Organização, que contém opiniões suas traduzidas em vários artigos daquele diploma;

Considerando que desde a elaboração da Organização o sr. Plínio Silva secundou e apoiou a atitude de resistência contra as reclamações do pessoal, que a Administração e o Governo mantiveram por intermédio do sr. Rosa Mateus, e que o colocou em oposição aberta contra o pessoal;

Considerando que as suas declarações, contidas na já referida carta só podem ser tomadas como um desabafo de muitos erros que tem cometido como director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, mas que com coisa alguma alteram a atitude que contra o pessoal tomou;

Considerando que a sua continuação à frente dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste só prejuízos pode causar ao país, ao público e aos ferroviários, pela falência da sua acção nesse lugar, o que exuberantemente está demonstrado em público e raso, como por a classe ter demonstrado a sua incompatibilidade moral com essa acção, o que o impede de poder executar o lugar de Director com imparcialidade e manter-se com a autoridade moral que tal cargo exige às pessoas que o ocupem;

Os ferroviários do Sul e Sueste reúnem em assembleia magna para apreciar a carta publicada pelo sr. Plínio Silva no jornal «O Diário de Notícias», resolvem:

Considerar útil, necessária e indispensável a demissão imediata do sr. Plínio Silva do lugar de director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, para que os serviços ferroviários adquiram a tranquilidade e o sossego indispensáveis ao seu desenvolvimento, congratulando-se por esse motivo com a sua atitude, pedindo a demissão de lugar de director, pelos motivos expostos nesta moção.

Para que a sua saída se torne efectiva e o aplauso do pessoal se demonstre exuberantemente, por esse importante facto, resolvem mais:

Caso se torne necessário prestar ao sr. Plínio Silva o apoio à sua demissão, por meio dum abaixo assinado, em que todos os ferroviários que livremente o queiram fazer, demonstrem a sua satisfação e a sua concordância com a saída daquele sr. do lugar de Director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, por os interesses do país, do público e dos ferroviários o reclamarem;

A leitura da moção provoca uma

Scenas de miséria

Uma desgraçada família a viver num curral pagando 60\$00 de renda

Estonteada por esse luxu provocante que por aí se estadeia, como que escarnecendo da pobreza da maioria, muita gente não repara na situação miserável em que se debatem os párias que vivem em autênticas pocilgas porque a ganância dos exploradores da humanidade não tem limites.

Um desses muitos casos de miséria nos foi relatado e tornamo-lo conhecido dos leitores na sua cruel simplicidade.

Carlos Leal com sua companheira, Amélia Neves Leal, e seis filhos, viviam num quarto por favor. Ele há muito tempo que se via a braços com uma terrível enfermidade. Há cerca de 15 dias foram despidos do quarto que habitavam e conseguiram alugar um curral na Quinta da Encarnação, à Calçada do Teixeira, em Chelas, pelo qual pagavam 60\$00 mensais!

Um curral por 60\$00 é tudo quanto há de mais desumano, salientando-se claramente o espírito ganancioso de quem o alugou.

Como a doença se agravasse, o Carlos Leal morreu anteontem. No curral não havia mais nada que as paredes nuas. Nem uma cadeira, nem um banco — nada! Uma grande miséria!

Para que o caixão não fosse colocado no chão, uns vizinhos emprestaram dois bancos.

Digam-nos esses senhores que diariamente exploram a humanidade, construído fabulosas fortunas com o suor dos que trabalham, o que será de futuro a existência daquela desgraçada vivida com seis filhos!

Digam-nos esses senhores lá do alto, que pregam moralidade e resignação, o que poderão fazer esses entes miseráveis que a desgraça, a miséria atirou para um curral pelo qual exigem altíssimas empenhadas uma renda de 60\$00!

SECÇÃO TELEGRAFICA

Federações

METALÚRGICA

Sindicato de Peniche.— Não tem apelo possível.

Sindicato de Aljustrel.— Nesta data segue a vossa encomenda.

Lagos.— O vosso officio vai hoje à apreciação do conselho.

Calçado Couros e Peles

Guimarães.— Sindicato dos Carteiros e Surradores. — Respondam ao último officio enviado.

Pôrto.— Felisberto Baptista e Bento da Cruz. — Podem mandar original para o «Labor» que vem a tempo. O sindicato que envie comunicados das suas reuniões.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato de Espinho.— O assunto que trata o vosso último officio, foi entregue ao Conselho Jurídico da C. G. T.

Imprensa

«A Internacional»

Deve sair amanhã o 2.º número de A Internacional, órgão dos partidários da I. S. V.

Festas associativas

Sindicato Unico do Vestuário do Pôrto

A comissão administrativa deste sindicato, tendo reunido há dias, entre outros assuntos de interesse resolveu solemnizar a passagem do 2.º aniversário da sua fundação, assim como o encerramento da aula de corte e distribuição de diplomas aos alunos classificados. Para esta festa operária, que se realiza no dia 18, pelas 15 horas, foram convidados todos os organismos locais, ficando convidados por este meio todas as colectividades que por lapso não receberam convite.

Do programa fazem parte discursos por militantes da organização, canções sociais, recitativos, etc., etc.

MÚSICA

Concertos no Politeama

O programa do concerto, 3.º de assinatura, que no domingo realiza no Politeama a Orquestra Sinfónica de Lisboa sob a regência de Fernandes Fão, pode pôr-se a par dos que melhor se organizam no estrangeiro. Verificou-se lá o nosso grande amor destas festas darte e que a elas não concorre apenas por espírito de snobismo. Serão tocadas a abertura do «Rei d'Yvo», de Lalo; a «Tríana», de Albirno ao arranjo de Pío; o «Capricho espanhol», de Rinsky-Kessakow; «Sinfonia incompleta», de Schubert; a abertura da «Rienzi», de Wagner; duas obras de Giny, em 1.ª audição «La première rencontre» e «La viergeinn» e finalmente o «clow» do corleone, o poema sinfónico «Fontaine di Roma», estreia em Portugal, do grande músico Othini Respighi, e que se exhibe com a orquestra aumentada.

estronda ovação de applauso. Posta à discussão, ao ser votada, a enorme multidão que enche a sala, levanta-se, e em pé, vibrantemente aprova por unanimidade a moção, ecoando uma retumbante salva de palmas.

O resultado desta manifestação da classe ferroviária ali reunida, não podia ser mais significativo e eloquente. O sr. Plínio Silva tem de sair quanto antes para sossego do pessoal do público, até de nós próprios, que tanto tempo escrevemos sobre os protestos, as moções, as propostas, etc., que os ferroviários do Sul e Sueste tem votado contra esse senhor.

Antes de ser encerrada a sessão, a assembleia produziu uma admirável ovação A Batalha, que foi vitoriosa pela sua atitude, prestando-lhe os ferroviários do Sul e Sueste a justiça que lhe julgam devida.

A sessão foi encerrada às 23,50 horas.

Teatro Apolo

HOJE: A única revista da actualidade
Números repetidos 4 vezes!
Giga-Joga
A tope penúltima representação
A peça mais animada e aparatosa da actualidade. — A única que tem crítica da maior oportunidade!
— Já estou, já está, a frase popular.
Preços ao alcance de todos: Fautais, 7500; Cadeiras, 6500 e Geral, 2500.

AS GREVES

Marítimos de Longo Curso

NOTA OFICIOSA DO COMITÉ
Camaradas: E' com o grande espírito de solidariedade que caracteriza os marítimos que a greve continua, sem que até hoje tenham acontecido desagradáveis para nós tentamos a regular.

Para se fazer ideia das humilhações a que a C. N. N., uma vez triunfante, sujeitaria o pessoal de Cámaras, basta dizer-se que enviou os seus laços dispendiosos portugueses a fazer a nefasta propaganda para dissolver a Associação do pessoal de Cámaras e a convidar a assinar indivíduos nossos camaradas a assinar tam infame papel.

Sabem os camaradas que uma vez vitoriosos os Armadores por intermédio desse pedaço de papel, já mais, nem no presente nem no futuro, qualquer reclamação desses camaradas de cámaras poderiam fazer.

Depois, tentariam seguir na mesma forma para com o pessoal de fogo ou convez.

Basta de tanta bajulação!

Não pensávamos que criaturas honestas, com figura de homens, que se prestassem a tam repugnante papel...

Felizmente ainda há um grande número de marítimos dessa secção que tem dignidade suficiente, podendo sujeitar-se a todos os sacrifícios menos a sancionar com o seu nome monstruosidade de tal vulto.

De promessas estão fartos!

Este comité, ao ler as notícias venenosas dos jornais burgueses, repudia-as, e somos mais uma vez a dizer-lhes que se não preocupem com o mal dos marítimos porque não terão o gosto de assistir ao enterrão dos mesmos...

«A lora, camaradas proletários do mar! A vante e coragem!»

O Comité
NOTA OFICIOSA DA COMISSÃO DE DEMARQUES

Camaradas: Aprecio esta comissão a oferta dos srs. Armadores que consistia em 50 escudos sobre os actuais salários e 2 escudos nas rações.

Presente esta oferta às classes, resolveram as mesmas continuar na luta pelas quantias por nós reclamadas que são 100 escudos sobre os actuais salários e 4 escudos nas rações. Volta hoje novamente esta comissão a entrevistar os Armadores e representantes do governo, incumbidos de estudar a questão de salários.

A Comissão de «Demarques»
EM MATOZINHOS-LEÇA

Operários alfaiates
MATOZINHOS, 14.—Continuam em greve os operários alfaiates que reclamam as 8 horas de trabalho.

Na segunda feira reuniu a assembleia magna com a presença dos delegados do Sindicato Unico de Vestuário do Pôrto para apreciar as respostas dos industriais, verificando-se que estes sustentam a primitiva resolução, a qual é dar as 8 horas diminuindo os salários. Todos os presentes resolveram continuar a greve e em virtude de se encontrarem nestas condições há 4 semanas deliberaram modificar a sua reclamação, isto é, além de não estarem dispostos a trabalhar mais que 8 horas requeiram 50 % sobre os salários que auferiam antes de irem para a greve, e sustentem-se em luta até que os industriais se resolverem atender esta reclamação.

A sessão terminou no meio de grande entusiasmo com vivas à continuação da greve, à organização operária, classes em luta, etc.

NO PORTO
Classes marítimas

PORTO, 14.—Desde segunda feira que se encontram em greve os estivadores de Leixões, barqueiros e fragateiros e trabalhadores fluviais do Pôrto e Gaia.

Este movimento, que prossegue com entusiasmo, foi declarado em virtude de não terem sido atendidas as reclamações de aumento de salário que há de tempo vem sendo formuladas.

As classes ora em luta procuraram por todos os meios evitar uma greve, mas a renitência dos patrões a isso os impeliu, não obstante reconhecerem que essa sua atitude de renitência é prejudicial para a vida económica. E assim, aproveitando-se da greve, os respeitáveis negociantes já estão pondo em prática com maior descaramento as suas infames rouba-lheiras, não contentes com as extorsões que permanentemente vem fazendo ao povo trabalhador.

Arte, variedade e alegria

Os magníficos espectáculos no Coliseu dos Recreios

Os espectáculos mais alegres, mais artísticos e mais variados foram sempre, como ainda hoje são, os do Coliseu dos Recreios onde está trabalhando uma companhia de circo superior a todas as que se estão exibindo nos circos estrangeiros, o que as pessoas viajadas tem facilidade de apreciar pelos programas que ali se executam, ao mesmo tempo que podem constatar que os preços dos lugares daqueles são incomparavelmente mais caros do que os do Coliseu, onde se vendem *fautais* desde 6500 e a geral ao preço diminuto de 2500.

Com estes preços e com as novidades e atrações que tem a grande companhia de circo, não é para admirar que a concorrência ao Coliseu seja todas as noites numerosa como é, tendo já passado nesta época por ali muitos milhares de pessoas que se não aborrecem nunca com os programas do espectáculo todas as noites variadíssimas.

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.— Em reunião da comissão administrativa foi tomado conhecimento do expediente, que constava de officios respectivamente do Sindicato de Espinho, sobre um caso de acidente no trabalho, que baixou ao Conselho Jurídico da C. G. T., da Associação de Estremoz comunicando a constituição de um Sindicato Misto em Borba, sendo aprovado officio a C. G. T., fazendo sentir a necessidade da ida dum delegado a esta localidade; do Sindicato de Famalicão agradecendo o auxilio da Federação na conquista de os bilhetes anuais na linha de Minho e Douro serem pagos em prestações e enviando a quantia de 50\$00, saldo das despesas para auxilio dos presos que se encontram em São Julião da Barra.

Na ordem de trabalhos foi resolvido prestar auxilio moral e material aos camaradas em luta pró-aumento de salário em Viana do Castelo e Valença do Minho, e tomaram-se deliberações de forma a que o Sindicato de Beja volte a ter vitalidade.

Federação Mobiliária.— Conselho Federal.—Reuniu ontem este conselho. Apreciado o vario expediente, apreciaram-se também o movimento dos mobiliários de Faro, tomando-se resoluções nesse sentido.

Foi lido um officio da Delegação Federal do Norte, sobre o qual incidiu discussão, resolvendo-se que se lhe officio. Por último apreciou-se o pedido de demissão do delegado a C. G. T., Santos Arranha. Após larga discussão foi resolvido aceitar o seu pedido de demissão.

Condutores de Carroças.—Reuniu ontem a comissão reorganizadora que aprovou grande número de novos sócios, devendo começar a fazer a cobrança ainda esta semana.

Resolveu efectuar no próximo domingo uma sessão para ultimar os trabalhos a que chegou e apresentar os seus pontos de vista para a futura orientação da classe.

Federação Metalúrgica.—Para continuação dos trabalhos pendentes da última sessão, reuniu na segunda feira o Conselho Federal, que se occupou de assuntos internos, resolvendo, pelo motivo de o secretário administrativo ter de ausentar-se temporariamente, um vogal assumisse as suas funções interinamente, sendo nomeado Joaquim de Sousa.

Foi aprovado que a comissão organizadora ao Congresso, com a maior brevidade, colha os necessários elementos a fim de se marcar definitivamente a data da realização ao mesmo. Devido ao adiantado da hora, ficou a apreciação do resto da Ordem dos trabalhos para hoje, às 21 horas.

CONVOCAÇÕES

Federação Metalúrgica.—A fim de dar cumprimento ao que ficou deliberado na última reunião do Conselho, reúne hoje, pelas 19 horas, a comissão administrativa, reunindo o Conselho às 21 horas.

Federação de Calçado, Couros e Peles.—Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho federal, devendo às 20 horas reunir a comissão administrativa.

S. U. Mobiliária.—A fim de habilitar os delegados deste organismo à U. S. O. a pronunciarem-se sobre a demissão do Comité Confederal, reúne hoje, pelas 20,30 horas, a assembleia geral deste sindicato. Devido à gravidade do assunto, é de máxima conveniência que nenhum camarada falte.

A fim de prestar contas da respectiva cobrança deve comparecer hoje às 20,30 horas o cobrador da casa Joaquim de Barros.

Carpinteiros de Longo Curso da Marinha Mercante Portuguesa.—A reunião que hoje se devia realizar para tratar deste organismo, só tem lugar amanhã, pelas 20 horas.

Rogamos a todos os carpinteiros que estejam de acordo em se organizar, que compareçam na sede dos Maritheiros e Mocos, Calçada Castelo Branco Saraiva, 4. 1.º

Carrageiros.—Para tratar de assuntos inadivels e de imediata resolução, são convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, todos os membros da comissão administrativa, comissão revisora de contas, e delegados à U. S. O.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

DESPORTOS

FUTEBOL

Desafios para domingo: Da 2.ª divisão, 1.ª categoria: Carcavelinhos contra Internacional; em Benfica, às 13 horas; juiz o sr. António Ferreira da Cunha.

Portugal contra União Lisboa, em Benfica, às 15 horas; juiz o sr. Clemente Gomes Guerra.

De promoção, 1.ª categoria: Fôforos contra Marvilense, em Marvila, às 15 horas; juiz o sr. Joaquim Belford.

Ocidental, marca 2 pontos contra o C. Quebrada. Sacavenense contra Bom Sucesso, às 13 horas; juiz o sr. António Martins.

Liga Operária de Desportos Atlético

Para domingo estão marcados os seguintes jogos:

1.ª Categoria: — Boa Hora contra Armadense, campo de Belém; juiz, José dos Santos.

2.ª Categoria (1.ª Série): Campo da Junqueira, às 10 horas — Boa Hora contra Armadense; juiz, Eugénio de Oliveira, às 12 horas, Lusitano contra Casallino; juiz, Américo dos Santos.

2.ª Série (Campo da Junqueira), às 14 horas, Rio Sêco contra Estrela; juiz, António Carvalho; Santa Clara marca 2 pontos; Cruzeiro marca 2 pontos.

3.ª Categoria (1.ª Série): Campo das Salésias, às 14 horas — Boa Hora contra Bombeiros; juiz, Alfredo Ferreira; às 12 horas, Casallino contra Peninsular; juiz, José Coelho; Estrangeirense marca 2 pontos.

2.ª Série (Campo da Estrangeira), às 11 horas — Rio Sêco contra Cruzeiro; juiz, Alberto Machado; às 13 horas, Santa Clara contra Lisboa Sporting; juiz, João Machado; Campo das Salésias, às 10 horas, Triângulo contra G. F. União; juiz, Humberto dos Santos.

Os resultados dos jogos de domingo, 11 do corrente, foram os seguintes: 1.ª Categoria: Armadense — Lusitano, 2-2; 2.ª Categoria, 1.ª série, Boa Hora venceu Casallino por 3-1, Lusitano — Armadense, 1-1; 2.ª Série, Rio Sêco marcou 2 pontos; Santa Clara venceu Cruzeiro por 4-1; Estrela marcou 2 pontos.

3.ª Categoria (1.ª Série): — Estrangeirense venceu Boa Hora por 3-1; Casallino marcou 2 pontos; Peninsular venceu Bombeiros por 4-3; 2.ª Série, Rio Sêco venceu Lisboa Sporting por 6-0; Cruzeiro venceu Santa Clara por 2-1; G. F. União marcou 2 pontos.

VIDA POLITICA

Junta Nacional das Juventudes Comunistas.—Reúne extraordinariamente hoje, pelas 21 horas, para apreciar as resoluções tomadas pelo congresso do P. C. P.

A'S 9 HORAS

TEATRO NACIONAL
O vigoroso drama
Alcácer-Kibir
Esplêndida
enseñação
Elegantissimo
guarda-roupa
Maravilhosos
cenários

ESTADOS UNIDOS

O Ku-Klux-Klan

OKLAHAMA CITY, 15.—O governador Walton acusa 55 membros do parlamento de fazerem parte da associação secreta Ku-Klux-Klan e de obedecerem cegamente às ordens do seu directório.

Um roubo audacioso

NEW-YORK, 15.—Três homens armados fizeram fôgo contra um empregado dum Banco assassinando-o diante de uma grande multidão que passava nas ruas e roubando-lhe o dinheiro que levava na importância de 10.000 libras. Os bandidos traziam a cara tapada e fugiram de automóvel.

RÚSSIA

Relações comerciais

RIGA, 15.—A Romenia e a Polónia iniciaram negociações para o estabelecimento de um tratado comercial com a Rússia.

GRÉCIA

Anarquia ou república?

ATENAS, 15.—O governo grego parece estar na disposição de fazer um plebiscito para saber se o povo grego deseja a anarquia ou a república.

INGLATERRA

O momento politico

LONDRES, 15.—A reunião do gabinete durou ontem duas horas e meia. O sr. Baldwin expôs as suas ideias sobre politica internacional.

Todos os partidos trabalham febrilmente estando muito esperanças nos resultados da eleição geral. A actual constituição da câmara é assim: conservadores 342, trabalhistas 144, e liberais 118.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

DESPORTOS

FUTEBOL

Desafios para domingo: Da 2.ª divisão, 1.ª categoria: Carcavelinhos contra Internacional; em Benfica, às 13 horas; juiz o sr. António Ferreira da Cunha.

Portugal contra União Lisboa, em Benfica, às 15 horas; juiz o sr. Clemente Gomes Guerra.

De promoção, 1.ª categoria: Fôforos contra Marvilense, em Marvila, às 15 horas; juiz o sr. Joaquim Belford.

Ocidental, marca 2 pontos contra o C. Quebrada. Sacavenense contra Bom Sucesso, às 13 horas; juiz o sr. António Martins.

Liga Operária de Desportos Atlético

Para domingo estão marcados os seguintes jogos:

1.ª Categoria: — Boa Hora contra Armadense, campo de Belém; juiz, José dos Santos.

2.ª Categoria (1.ª Série): Campo da Junqueira, às 10 horas — Boa Hora contra Armadense; juiz, Eugénio de Oliveira, às 12 horas, Lusitano contra Casallino; juiz, Américo dos Santos.

2.ª Série (Campo da Junqueira), às 14 horas, Rio Sêco contra Estrela; juiz, António Carvalho; Santa Clara marca 2 pontos; Cruzeiro marca 2 pontos.

3.ª Categoria (1.ª Série): Campo das Salésias, às 14 horas — Boa Hora contra Bombeiros; juiz, Alfredo Ferreira; às 12 horas, Casallino contra Peninsular; juiz, José Coelho; Estrangeirense marca 2 pontos.

2.ª Série (Campo da Estrangeira), às 11 horas — Rio Sêco contra Cruzeiro; juiz, Alberto Machado; às 13 horas, Santa Clara contra Lisboa Sporting; juiz, João Machado; Campo das Salésias, às 10 horas, Triângulo contra G. F. União; juiz, Humberto dos Santos.

Os resultados dos jogos de domingo, 11 do corrente, foram os seguintes: 1.ª Categoria: Armadense — Lusitano, 2-2; 2.ª Categoria, 1.ª série, Boa Hora venceu Casallino por 3-1, Lusitano — Armadense, 1-1; 2.ª Série, Rio Sêco marcou 2 pontos; Santa Clara venceu Cruzeiro por 4-1; Estrela marcou 2 pontos.

3.ª Categoria (1.ª Série): — Estrangeirense venceu Boa Hora por 3-1; Casallino marcou 2 pontos; Peninsular venceu Bombeiros por 4-3; 2.ª Série, Rio Sêco venceu Lisboa Sporting por 6

CRÓNICA DO PORTO

A assistência aos desgraçados

Tanta caridade, tanto espalhado para nada — História triste dum pária que teve a infelicidade de cair na via pública

PORTO, 14. — A primeira vista, há certos casos sociais que, pela sua repetição constante, parecem não merecerem importância. Todavia, examinando-os profundamente, eles revelam um estado retrógrado de uma civilização e revelam-nos intimamente a nossa alma de revolucionários.

Como existe, numa ascendência assombrosa, uma miséria piramidal, fruto lógico duma sociedade constituída por rapinantes e por refinados, a elegância de uns falsos humanitários procura, para passar o seu tempo, justificar as suas ações e os seus chás aristocráticos e, também, para representar uma força contível do maior número de revoltas — desenvolver o que se chama a beneficência pública — para a qual igualmente o estado concorre por intermédio dos impostos surripados às camadas trabalhadoras.

Dessa febre benigna de filantropia avariada, surgiu também uma útil manifestação de *side cars* de esquadra, para transporte de doentes e para concorrência prodigiosa com toda a qualidade de *cruzes*, com a Cruz Branca, a Cruz Preta ou a Cruz Vermelha.

Seria totalmente digna de apreço uma tal inovação... de assistência policial, inovação, aliás, quase sempre paga por subscrição pública, se ela, na maioria dos casos, não traduzisse um privilégio e não redundasse numa coisa parecida com mercantilismo... mercantilismo, infelizmente, que se está observando no nosso primeiro hospital, apesar de muito benemerito lhe deixar inensas fortunas exclusivamente destinadas para os pobres...

Todavia, apesar de todos esses exhibitionismos de óca beneficência, de caridade luxuosa; apesar de tantas *cruzes* de variadas cores e de tantas policlínicas auto-macãs... a 20000 a corrida — ali daquele que tenha a desdita de ser acometido de doença repentina, caindo prostrado na rua... Nem terá *side cars* a socorrê-lo, nem o bafo da piedade hospitalar o embalará.

Salvo se for assambrado ou banqueiro...

Vamos descrever uma cena perfeitamente autêntica ocorrida num dos últimos dias, e que revela, num caso esporádico, mas o não passo de cada dia. É necessário que, de quando em vez, se filiem estas misérias sociais, para que a hipocrisia dum sociedade desta sofra o insulto de todo o nosso desprezo e de toda a nossa indignação.

Estamos no largo da Ribeira. Quando passava todo entre as suas tristes cogitações de desproteção, um mórbido fenómeno físico atordaa o cérebro do carregador e descarregador de terra e mar, chamado Joaquim, de São Cosme de Gondomar. Um forte ataque postrou-o sem fôlego.

Muita gente, entre ela companheiros seus, se aglomerou à volta do infeliz, dando-se início, como quasi sempre, às indagações...

O desgraçado, antes de rair o tráfego, no rio, pernoitava nesses quartos de aluguer diário que as diversas casas de comida possuem. Mas a crise, que nos asseberba avasadoramente, atirava igualmente o pobre trabalhador, destruindo-lhe todos os recursos financeiros. Impossibilidade de pagar a triste exérgia, *fixa residência* nas pedrificações escadas do Codeçal, mesmo por baixo do segundo patamar... Ali passa algum tempo, absorvendo o ar delirante dos dejectos que ali se acumulam e *adormecendo*, embaldado pelo frio, a sensação da fome que uma atroz miséria lhe traz... Um tamanho conforto, acarretou-lhe todo o seu combalimento físico... Daí, o ataque.

Explicada, resumidamente, as últimas páginas da sua história, todos pensam em acudir ao que foi derrubado por um grave síncope. Comunica-se o facto ao guarda de giro.

Este dá as suas providências. A auto-maca da sua esquadra chega e o doente é conduzido a toda a pressa...

Para onde? Para o hospital? Não. Para a 12.ª esquadra do Infante D. Henrique. Com grande espanto de todos, a vítima do ataque — que já era o segundo — é retirada da auto-maca e estendido na maca de lona, para ir a pau e corda, isto é: aos ombros de quatro pessoas.

Porque não vai o enfermo, o *estafermo*, na auto-maca? Por falta de gasolina no motor? Não. Porque o *atacado* não possui 20000 para pagar a rápida condução, nem sequer bens móveis ou imóveis que lhe permitissem o *fiado*...

Porque são precisos 20000 para um socorro imediato... porque é para isto que a população de diferentes áreas do Porto se subleva para adorar as suas esquadras com tam lindos aparelhos... para que quatro badamecos andem a fazer vistas pela cidade...

Mas não há que recalcitrar... O doente, a pau e corda, à espera da morte, lá segue vagarosamente a caminho do hospital de Santo António... Que coisa! O diabo do paciente está *azarento*... O médico de serviço esquece-se da sua missão humanitária e da instituição *misericórdiosa* em que está... Não examina o *trambólio* estendido; não o ausculta, não se preocupa com a natureza e a gravidade do mal... Bruscamente, mal humorado, mais com ademanes de carrasco do que com o carinho de um clínico, ordena que tragam o doente passado dos dias, munido do indispensável atestado de pobre... É que o prostrado levava uma *labita*... feita em farrapos...

Os quatro condutores do doente e o polícia salientam o estado melindroso daquela vida a extinguir-se, a urgência de socorros médicos, o facto da Santa Casa ser instituída para, de preferência, auxiliar os desgraçados, principalmente num caso daqueles...

O médico encoleriza-se, ameaça correr tudo à lambada e a pontapé... Mas ninguém se assusta, incluindo o próprio guarda. Então, o clínico, mais asseado, mostra o regulamento da casa... Internados, só em casos urgentes ou parturientes... O trabalhador referido está naqueles casos; mas, acabou-se, está dito, está dito... Não há vagas... Camas, só para os ricos, para quem pode ser pensionista...

E o doente, em face da humanitaríssima recusa, da negação dum simples cataplasma de mostarda, lá volta em charola para a esquadra... Que fazer? Envia-lo para o Aljube? Pois claro, mas como justificar a sua detenção? pergunta um cabo para outro que lá estava... Ora, muito facilmente... *Priso por se encontrar na via pública*... *prostrado*... Feita a participação... fica o negócio arrumado...

E o doente, de Herodes para Pilatos e de Pilatos para Herodes, lá é mimosoado com este único recurso: Aljube. O Aljube tem enfermarias. Podia, pelo menos, o doente ir para elas: foi para a tarimba da enxovia...

Depois dito tudo, *querem mais alguma coisa?* Não pode ser mais...

E é por isto que, periodicamente, vemos pela foice da morte, muitos presos libertarem-se... sendo natural, naturalíssimo mesmo, que o desgraçado já tivesse morrido... escapando às bestialidades da vida...

Não é romance fantástico, é a pura realidade; não é de ontem, é de hoje, é de amanhã, é de todos os dias — porque aquele espectáculo que se observou é permanente, em episódios mais ou menos variados, em que entram *cruzes* e *side cars* policiais, nimbados por um enfatuamento de hipocrisia... beneficência, assistência avariada...

LISBOA NA RUA

Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Sousa Martins do hospital de São José, deu ontem entrada, em estado grave, José Salgado, de 25 anos, ajudante de caldeireiro, residente na Travessa do Giestal, 15, cave, que caiu sobre uma caldeira na geradora da electricidade na Central Tejo da Companhia Reunidas de Gás e Electricidade, fracturando a base do crânio e ficando contuso no corpo.

Agressão

Na sala de observações do banco do hospital de São José deu ontem entrada Abílio Ribeiro, Garcia, de 38 anos, comerciante e residente na rua da Graça, 28, que quando se encontrava numa leitaria na rua dos Sapateiros, ali se desenvolveu uma desordem entre uns indivíduos que ali estavam, tendo aquele sido agredido com um pontapé no ventre.

Queda ao rio e morte

No banco do hospital de São José faleceu ontem, pouco tempo depois de ali ter dado entrada, um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual caiu de um vapoar ao rio, próximo do Terreiro do Paço. O cadáver recolheu à casa mortuária daquele estabelecimento.

Atropelamento

No banco do hospital de São José recebeu ontem curativo Alberto Tomás Carreira, de 36 anos, comerciante, residente na Praça Afonso Henriques, 18, em Alcobaca, o qual foi atropelado por uma carroça na rua da Palma, ficando com o braço direito fracturado.

Quedas

Na enfermaria E. 1-A. B. do hospital Escolar, deu ontem entrada Joaquim Feliciano, de 42 anos, ajudante de ligador da Companhia do Gás, residente no Cruzeiro da Ajuda, que caiu na rua Rodrigues da Fonseca, ficando contuso no corpo.

Na enfermaria, n.º 7, do hospital do Deserto, deu ontem entrada António Manuel, de 66 anos, jornaleiro, residente na rua do Rio Seco, 16, loja, que caiu pela escada da residência, ficando muito contuso pelo corpo.

Na enfermaria de Santa Joana, do hospital de São José, deu ontem entrada Jacinta da Conceição, de 69 anos, residente na Avenida Ivens, Vila Jorge, 2, no Dálmio, que caiu por uma escada na rua das Orlarias, fracturando um braço e ficando ferido na cabeça.

Trabalhadores:

LEDE A «A BATALHA»

Nicolau e Mateo

O Sindicato dos Operários da Construção Civil de Orlhão, na sua assembleia geral de 8 do corrente, votou uma moção contra a condenação à morte de Nicolau e Mateo, moção essa que termina com as conclusões seguintes:

1.º — Protestar enérgica e veementemente contra a sentença de morte dada pela Espanha a Nicolau e Mateo; 2.º — Negar à Espanha o direito de nação civilizada enquanto não for rectificada a injustiça; 3.º — Mandar esta moção ao ministro espanhol em Lisboa; 4.º — Enviar cópia para *A Batalha* fazendo assim chegar este protesto ao conhecimento dos povos civilizados.

AGRADECIMENTO

José Soares, ferroviário, em tratamento no Sanatório Carlos de Vasconcelos Porto e por essa razão impossibilitado de directamente manifestar o seu profundo reconhecimento a todos os camaradas e Comissão Administrativa do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste pela elevada manifestação de solidariedade a quando do insólito procedimento do seu senhorio na acção de despejo brutalmente executada, que colocou os seus haveres em plena via pública, vem por este meio, aos sobreidos camaradas, manifestar os protestos do seu indelével reconhecimento que são a afirmação iniludível do valor da solidariedade operária.

A BATALHA

EM COIMBRA

AS VITIMAS DO INCENDIO

Como devia ter sido feita a distribuição de donativos

COIMBRA, 14. — Já que atacamos e protestamos contra a forma como distribuíram os donativos que foram destinados às vítimas do incêndio da Casa Crespo, aliás para os que ficaram necessitados, na miséria, devido ao sacrifício que os seus entes queridos mostraram com abnegação, querendo dominar o indomito fogo para salvarem os haveres e o semelhante que estavam em risco de desaparecer, nós vamos hoje dizer da nossa justiça, a nossa opinião quanto à forma como essa distribuição devia ter sido feita.

Como seria lógico e razoável, deviam as comissões que sobre si tomaram a incumbência de arranjar donativos, ter procedido a averiguações de forma a que depois as suas resoluções não ocasionassem protestos de qualquer parte, tendo por norma que os contemplados deviam ser aqueles que de facto sofriam prejuízos morais-materiais, e que justiça fosse feita aqueles que de direito tinham, devido ao acto de solidariedade prestado por todo o povo, alguma coisa a receber que lhes suavisse um pouco as agruras sofridas pelo fatal incêndio.

Tal não sucedeu, porque há contemplados que de nada precisam. (Ou não é verdadeira a nossa afirmação?) Parece-nos que não há contestação à nossa pergunta.

Não duvidamos, repetimos, que a comissão tivesse procedido conforme as informações recebidas, ou pelos pedidos feitos pelos que sofreram prejuízos. Mas havia a considerar que alguns dos atingidos não ficavam na miséria, nem tam pouco estavam à espera desse subsídio para almoçarem — já citamos um facto.

Junto todo o dinheiro das subscrições diversas que existem, devia ele ter sido depositado em casa bancária à ordem das vítimas, mas recebendo semanal ou mensalmente. Assim é que devia ter sido, porque não haveria dúvidas que esse subsídio durasse algum tempo, o que não sucederia pela forma que fizeram essa distribuição.

E' ditado antigo — chapa ganha, chapa gasta. E serve este ditado — porque o dinheiro recebido é de depressa absorvido.

A opinião que acima deixamos não é apenas nossa, pois que é filha também de grande parte do povo de Coimbra que compreende ser melhor o estabelecer uma pensão que dure para algum tempo, não dando lugar a que a miséria entre tam depressa nos lares das vítimas, a entregar-lhes agora qualquer coisa que depressa desaparecerá. — C.

EM EXTREMOZ

Proezas da guarda

A guarda republicana agrediu bárbaramente um prêso

Mais uma barbaridade a juntar a tantas outras praticadas pelos «homens da ordem» que enxameiam o país de norte a sul.

O trabalhador Vitorino José Maranhão estava discutindo com sua mulher, em casa, mas como a discussão se prolongasse e elevasse, mas só em palavras, não foi justificado o motivo da sua prisão. Mas é simples. É a ansia de espancar, e quando não há presos para agredir, procuram arranjar-lhes de qualquer forma e que sejam pobres diabos, pois já tem pretendido espancar vários presos mas quando vão a entrar na prisão para satisfazer os seus canibalescos



EXTREMOZ — Centro da vila

alguém da visinhança lembrou-se de chamar a guarda republicana. Esta compareceu logo obrigando o Vitorino a sair de casa, sendo levado para o quartel. O Vitorino, com a consciência de não ter cometido delito algum, foi na ideia de esclarecer o caso, por ser vulgar qualquer discussão ou alteração entre mulher e marido.

Uma vez no quartel e quando o cabo lá buscar as chaves para o meter na prisão, um dos guardas, do qual ignoramos o número, deu-lhe tam grande pancada com um pau no braço direito, que o pobre homem caiu imediatamente, exausto, sem forças para se erguer. E depois, sem mais explicações, mandaram-no em liberdade!

instintos tem que recuar, como já sucedeu.

O pobre Vitorino continua sem poder trabalhar, porque não pode mecher o braço.

Trabalhadores Rurais

Reúniu a assembleia geral para tratar do desenvolvimento da organização rural. Depois de apreciados vários assuntos de importância, deliberou-se irradiar de secretário geral do sindicato por motivos que desprestigiam a organização operária. Foi resolvido enviar a comissão que trata do processo de Daniel Severino a quantia de 15000, sendo aprovado um protesto contra a reacção espanhola que condenou a morte Nicolau e Mateo.

onde encontrará boa cama de palha nova, e melhor provisão de cevada velha.

Ao som da busina de Guilherm, um dos seus parentes tinha saído de casa com um archote de resina na mão, Joel, guiado pela claridade, entrou no pátio com os bois e o carro.

A ARCA DAS CÂVEIRAS

A casa de Joel, assim como todas as habitações rurais, era muito espaçosa, de forma redonda, e construída no centro de duas sebes de vimes enlaçados, entre os quais se calcava o barro bem amassado, e misturado com palha miuda, depois rebocava-se tanto o interior como o exterior desta parede compacta com uma camada de terra fina e pegajosa que secando se tornava dura como pedra de cantaria; o tecto largo e quasi a pino, feito de troncos de carvalho, entre si, estava coberto de uma camada de juncos tam entrançados, que a água não penetrava nunca por entre eles. De ambos os lados da casa, havia granjas destinadas para as colheitas, currais, redos, cavalariças, celeiro e lavandaria. Estes diversos anexos, que formavam um longo quadrado, rodeavam um vasto pátio, fechado durante a noite com uma sólida porta; no exterior, uma forte estacada, colocada em redor de um fosso profundo, circulava os anexos, deixando entre si e a estacada uma espécie de corredor da largura de quatro covados. Ali soltavam durante a noite dois enormes cães de fila muito ferozes. Havia nesta estacada uma porta exterior que correspondia à porta interior do pátio; ambas se fechavam ao descair do dia.

O número de homens, de mulheres e de rapazes, todos parentes mais ou menos próximos de Joel, que cultivavam os campos com ele, era considerável. Habitavam nas construções dependentes da casa principal,

onde se reuniam ao meio dia e à noite para a refeição em comum. Outras habitações assim construídas e ocupadas por numerosas famílias, que faziam produzir as suas terras, estavam dispersas no campo e compunham a tribu de Karnak, da qual Joel fora eleito chefe.

Logo que entrou no pátio da casa, Joel foi acolhido pelo seu velho cão de fila Deber-Trud, de cor parda, raído de preto, com a cabeça enorme e os olhos injectados de sangue, animal tamanho, que fazendo-lhe festas lhe assentada as patas dianteiras sobre os ombros, cão tam valente, que combatera uma vez sósinho contra um monstruoso urso dos montanhas de Arrês, tendo-o estrangulado. Pelo que diz respeito às suas qualidades naturais para a guerra, Deber-Trud teria sido digno de figurar na matilha de combate de Bithert, daquele chefe gaules que dizia com desprezo ao ver a tropa inimiga: «*Ali nem sequer há comida para uma refeição dos meus cães.*»

Deber-Trud tendo olhado e farejado o desconhecido com ar desconfiado, Joel disse ao cão: — Tu não vês que é um hóspede? Deber-Trud, como se houvesse compreendido o dono, não pareceu tornar a fazer caso do estrangeiro, e precedeu aos saltos Joel que entrava em casa.

Esta era dividida em três quartos, de grandeza desigual; os dois mais pequenos, fechados com tabiques de madeira de carvalho, eram destinados, um para Joel e sua mulher, e o outro para Hêna, sua filha, a virgem da ilha de Sên, quando vinha visitar a família. A vasta sala do centro servia para a comida e para os trabalhos do serão.

Quando o estrangeiro entrou nesta sala, um grande lume de lenha de faia, renovado com tojos e juncos, ardia no lar, e o seu clarão dispensava bem a luz de uma lâmpada de cobre estanhado, sustida por três cadeias do mesmo metal, brilhantes como prata. Esta lâmpada fora um presente de Mikael o armeiro.

Dois carneiros, atravessados num comprimento de ferro, estavam a assar junto da fornalha, enquanto

A BATALHA NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

O que vai por Sines

A crise da inércia que atacou o proletariado — A falta de trabalho — Em plena treva — O direito à instrução

SINES, 14. — Nunca como na hora presente, a crise de trabalho e de situações, tomou as proporções alarmantes que infelizmente constatamos.

Especialmente os corticeiros, atravessam uma vida não tam somente difícil, mas sim, angustiosa e miserável.

São poucos os que trabalham e, essas, semanas incompletas. A crise, apresenta um aspecto confundi:

São os lavradores que querem vender as cortiças caras?

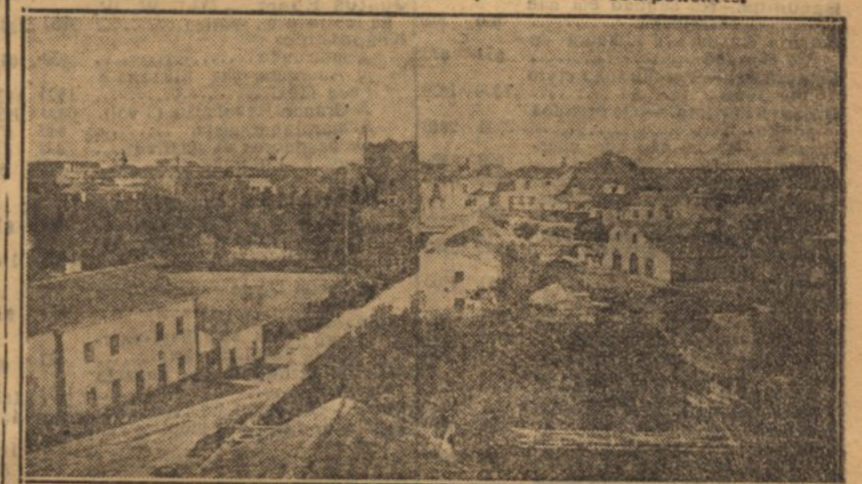
Obedece esta terrificante situação, a um plano previamente combinado?

Não temos presentemente, elementos

Desta penosa circunstância, parte das cargas e descargas feitas pelos associados, ficaram em poder do pessoal enganchado, do que resulta como acima fica dito, a crise nos marítimos sindicados.

Para as classes operárias, este inverno, apresenta-se mais sombrio, mais triste e desolador

O Núcleo das Juventudes Sindicatas, recentemente fundado, também foi atacado do terrível mal. A crise de acção nos seus componentes.



SINES — Vista geral

que nos habilitem, a fazer uma afirmação.

Porém verificamos, que devido aos factores apresentados, e, ainda, à falta de coerência, os operários corticeiros, se tem aliado da normalidade sindical, e até do seu sindicato profissional.

A Batalha, também não tem aqui, a expansão que deveria ter, dado o elevado número da população operária.

Os marítimos sindicados, igualmente atravessam, uma sensível falta de trabalho; mas esta falta, obedece mais, a uma outra falta mais lastimável, a falta de solidariedade.

Coerentes, e disciplinados sindicalmente, os marítimos, aderiram à última proclamação de greve geral da sua respectiva Federação, quando do conflito de Setúbal.

Os comerciantes, os industriais, e, os agentes de navegação coligados entenderam que, a sua omnipotente vontade, ou, os seus interesses feridos, se deviam opor àquela dignificante atitude assumida pelos marítimos, e, assim, depois de dois meses não conseguirem, um rompimento ou mais propriamente uma traição, a causa porque a sua Federação lhe havia ordenado a paralisação, conseguiram alistar, um grupo de indivíduos que sem a menor noção da sua personalidade, se prestaram vergonhosamente, a traír o pessoal associado, e a própria organização corticeira, pois que, de antemão estava indicado, que o golpe visava também, a inutilizar a solidariedade, sempre mantida entre estas duas classes.

A epidemia atacou até, quem superintende na administração do município; a não ser que os vereadores tivessem aprovado, eliminar das despesas, a verba da iluminação pública. A vila está nas escuras há bastantes dias, amon. época como a presente, escura e tempestuosa. Argumenta-se, que tem talado o carro da Companhia Oil, prevalecendo este argumento, inferimos que se a cidade companhia acabasse, ficaríamos privados de luz pública, eternamente.

O regulamento escolar, também não é cuidado convenientemente.

Há dias, uma aluna apresentou à professora, uma filha dum camarada nosso, munida dos indispensáveis elementos, para a respectiva matrícula.

Não foi aceite, por falta de 3 meses para atingir a idade exigida; todavia, sabemos, que dezenas de alunos, tem sido admitidos com menos idade.

Não compreendemos que se saquem excepções na admissão de alunos. — C.

As melhores são as da União. Tomei Feiteiras, Vieira de Leiria — Pedir em todas as lojas de ferragens. Rivalizam preços e têm

MARCAS REGISTRADAS para com as melhores inglesas.

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer única privilegiada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor faísca e que tem maior duração.

Dúzia 50 centavos (custado com as imitações)

Venda nos centros e aos milhiteiros, assim como isqueiros, rodadas, tubos, pipos e tudo o que os melhores preços para revenda.

Pedras de

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

